

A “MORTE” DA DOCÊNCIA: DESAFIOS NA INSERÇÃO DE NOVOS PROFESSORES FRENTE À HOSTILIDADE NO “CHÃO DA ESCOLA”

Eduarda Borges Esmério Fagundes ¹

Taise Neves Possani ²

Anderson Amaral de Oliveira³

RESUMO

Este artigo investiga o fenômeno da morte simbólica da docência, compreendida como o esvaziamento do sentido da profissão e a consequente desistência precoce de professores em formação ou em início de carreira. Tal cenário fundamenta-se na perspectiva de Esteve (1999) sobre o mal-estar docente, caracterizado como um incômodo indefinível que ultrapassa a barreira do sintoma manifesto para atingir a própria identidade do professor. O estudo parte da problemática sobre como as interações interpessoais e a cultura organizacional da escola contribuem para o desinteresse emocional do docente iniciante diante de um ambiente frequentemente inamistoso. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e reflexivo, fundamentada em autores que discutem o mal-estar da pós-modernidade, a filosofia da educação e as identidades docentes. O referencial teórico articula conceitos sobre a educação como ato de acolhimento às novas gerações, coragem e responsabilidade, contrastando-os com a tendência de fragmentação dos vínculos e a busca por uma ordem institucional rígida. Os principais resultados apontam que o professor iniciante é frequentemente lido pela cultura escolar como um elemento de desestabilização, sendo submetido a processos de silenciamento, sarcasmo e isolamento. A discussão revela que a apatia e a atuação automatizada de docentes experientes, somadas ao abandono institucional da gestão e à patologização do sofrimento ético frente a situações de assédio e violência, tornam o chão da escola um espaço de hostilidade que repele a inovação e o entusiasmo pedagógico. Conclui-se que a morte da docência não é uma falha de vocação individual, mas um sintoma da falta de uma ética de acolhimento institucional e suporte pedagógico. Para reverter o quadro de abandono da carreira, é urgente resgatar a escola como espaço de diálogo e proteção do novo, garantindo a sobrevivência do valor de educar através de redes de apoio que combatam o adoecimento e o desinteresse precoce.

Palavras-chave: Docência, Ambiente Escolar, Desistência Precoce, Cultura Organizacional, Identidade docente.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Letras: Português e Inglês vinculado ao programa Professor do Amanhã da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, eduarda.besmerio@gmail.com;

² Professora Mestre do Curso de Letras; Português e Inglês e doutoranda do Programa de Educação nas Ciências, ambos da Unijuí, taise.possani@unijui.edu.br;

³ Professor do Curso de Letras: Português e Inglês, graduado pela Unijuí e Doutor em Letras pela UFSM, anderson.amaral@unijui.edu.br.



A atualidade é marcada pela fragilidade dos vínculos e das relações sociais, como Zygmunt Baumann (1998) aborda em diversas de suas obras. Sendo assim, a escola também se encaixa nessa realidade, deixando de ser um local seguro de construção de saberes e trocas pedagógicas para se tornar um local de tensão e desmotivação. O fenômeno denominado pelos autores como a “morte” dentro da docência não se refere ao fim da profissão, mas sim ao esvaziamento dela no sentido vital diante de uma realidade de “chão de escola” que é frequentemente desmotivador e hostil. O presente trabalho se justifica diante da urgência de compreender e debater porque professores em formação saem do entusiasmo e do amor à educação para o desinteresse emocional e desistência precoce da profissão.

Esse trabalho mostra os desafios na inserção de novos docentes, partindo da problemática: como as interações interpessoais e a cultura organizacional da escola contribuem para o desinteresse emocional e a desistência precoce de professores em formação ou em início de carreira? A hipótese levantada aqui é de que há um choque entre o idealismo acadêmico e a realidade hostil das relações escolares, causando um adoecimento, a falta de ânimo e até mesmo inviabilizando uma permanência na profissão.

Buscando responder a essa problemática, o objetivo geral é analisar os fatores que tornam o cotidiano escolar um espaço de exclusão para o docente iniciante. Com relação à metodologia, optou-se por uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, fundamentada no diálogo entre a sociologia de Zygmunt Bauman (1998), a filosofia de Hannah Arendt (2011) e Fernando Savater (1998), os estudos sobre docência de Maria Claudia Dal'Igna (2023) e o conceito de mal-estar docente de Esteve (1999).

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Segundo Gil (2022), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, fornecendo o suporte necessário para o exame de fenômenos sob novas perspectivas teóricas. A investigação fundamenta-se em uma abordagem exploratória e reflexiva sobre a 'morte' simbólica da profissão docente, utilizando relatos de experiência de um dos autores. Tais relatos não são meras descrições, mas sim, como propõem Clandinin e Connelly (2011), ferramentas de investigação que permitem interpretar os sentidos da profissão. Essa estrutura metodológica permite uma discussão interdisciplinar entre a sociologia, a filosofia e a



educação, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos à hostilidade do cotidiano escolar.

As bibliografias utilizadas foram escolhidas a partir de obras fundamentais que discutem a crise na modernidade e os desafios da profissão docente, desta forma, foram eleitas as seguintes obras para análise crítica da temática: *O Mal-Estar Docente: A sala de aula e a saúde dos professores*, de José Manuel Esteve (1999); *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*, de Zygmunt Bauman (1998); *Entre o Passado e o Futuro*, de Hannah Arendt (2011); *O valor de Educar*, de Fernando Savater (1998) e *Nós da Docência*, de Maria Cláudia Dal'Igna (2023). O critério de seleção das obras baseou-se na relevância temática das produções para compreender as relações interpessoais e da cultura organizacional escolar na contemporaneidade, bem como para a compreensão e atendimento à pergunta de pesquisa levantada no trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico busca associar as tensões entre o ambiente social da escola e a subjetividade docente. Para isso será utilizada a sociologia de Baumann (1998), para compreender o funcionamento social da escola, seguindo para as filosofias de Hannah Arendt e Fernando Savater e resultando na análise de Maria Cláudia Dal'Igna (2023) sobre a construção do “nós” na docência.

De acordo com Baumann (1998), o professor em formação que ingressa no ambiente escolar com novas perspectivas pedagógicas é frequentemente visto através da cultura organizacional como uma “sujeira” que ameaça a ordem estabelecida. Nesse sentido, a hostilidade dos veteranos não seria apenas um conflito de gerações, mas um esforço sistemático de limpar o ambiente, onde o entusiasmo e a inovação são vistos como elementos radicais que precisam ser contidos ou eliminados. Baumann (1998) traz através do seu livro *O Mal-Estar da Pós-modernidade* esse conceito de sujeira, explicando que a sociedade é obcecada por limpeza e ordem, e com isso se mantém a ideia de o ambiente continuar imutável e qualquer ideia/pessoa que ameace essa ordem é visto como ameaça.

Segundo Hannah Arendt (2011, p. 247),

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens.



Arendt (2011) explica no livro *Entre o Passado e o Futuro* que a cada novo nascimento há a possibilidade de um novo começo e podemos trazer isso para os novos professores, cada professor iniciante chega para renovar a escola, porém de acordo com a autora, há uma falha nas instituições em acolher esse novo sujeito, Arendt está falando das nossas crianças e da crise na educação, mas podemos transpor essa ideia para a entrada de novos professores nas escolas, quando a cultura organizacional se torna displicente e repele o novo professor ela acaba por negar a própria essência da educação, que deveria ser a de mediar o passado e o futuro, fazer a transição entre a tradição e o novo. Isso ocorre quando a instituição ao invés de oferecer o suporte necessário e acolher o novo professor acaba por colocá-lo de lado e o silenciando.

Savater (1998) complementa aquilo que Arendt diz, ele reforça que o valor de educar está na humanização. Savater (1998, p. 24) aponta, “Com verdadeiro pessimismo pode-se escrever *contra* a educação, mas o otimismo é imprescindível para estudá-la... e para exercê-la. Os pessimistas podem ser bons domadores, mas não bons professores.” A docência não é apenas uma mera transmissão de dados e conhecimentos, ela é um ato de coragem e de esperança. Porém essa vitalidade e esperança é posta em prova quando o ambiente de trabalho ignora a dimensão ética e afetiva das relações interpessoais.

Toda essa discussão deságua no livro *Nós da docência* (2023), onde a autora analisa as relações e o ser professor. Dal’Igna (2023), argumenta que a trajetória docente pode ser marcada por uma apatia preocupante, que acomete inclusive profissionais experientes. Segundo a autora, esse estado de desencanto leva a uma atuação automatizada e sem reflexão, onde o professor acaba se separando de sua própria identidade e propósito pedagógico. Essa automatização que é descrita por Dal’Igna é uma das faces da “morte” da docência, enquanto o professor experiente morre para a vontade de continuar na profissão, de se reinventar e vive no automático, o novo professor ao adentrar nesse contexto acaba por morrer na profissão também, ao se deparar com esse cenário de desinteresse e apatia. Sendo assim, a inserção de novos professores acaba sendo um processo de adoecimento e desistência ao invés de um processo de profissionalização.

Complementando essa perspectiva, Esteve (1999) aprofunda a análise ao caracterizar o mal-estar docente como um efeito direto das tensões entre a formação idealizada e a realidade hostil do cotidiano escolar.

A expressão “mal-estar” refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real de Língua, a um “desolamento ou incômodo indefinível”. A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo



“mal-estar” sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê. (ESTEVE, 1999, p. 12)

Esse mal-estar, quando somado ao cenário de apatia descrito anteriormente, é o que desencadeia essa "morte" simbólica, o professor iniciante, ao tentar localizar sua identidade em um local marcado pela dor e pela fragmentação, acaba por ceder ao esvaziamento de sentido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do referencial teórico, é possível observar como a teoria encontra a prática vivenciada durante a inserção no cotidiano escolar como auxiliar educacional. Os relatos a seguir descritos evidenciam como a cultura organizacional e as interações interpessoais operam para neutralizar o entusiasmo e o bem-estar do docente em formação.

Um dos primeiros sinais de que se vislumbra em um ambiente inamistoso é o incômodo que o engajamento e a vontade dos iniciantes podem causar nos professores experientes. Em um episódio marcante, ao participar ativamente de uma temática escolar fantasiada e caracterizada, a aluna de licenciatura, professora auxiliar na escola em questão, foi alvo de sarcasmo na sala dos professores. Uma docente da instituição afirmou: “Desse jeito vamos ter que subir o nosso nível, não é?”, ao passo que a outra de forma sarcástica respondeu: "Trate de baixar o nível, porque aqui não temos mais como subir"⁴.

Essa interação pode ser materializada com a teoria de Baumann (1998) sobre a “sujeira”, onde o brilho e o esforço da auxiliar são vistos como elementos que saem da ordem natural que a escola mantém. Para as professoras que já estão acomodadas, o entusiasmo do novo acaba sendo um reflexo doloroso que precisa ser quebrado, a apatia descrita por Dal’Igna (2023), demonstra como é difícil enxergar o que precisamos mudar em nossa ação docente e quando um profissional já abatido pela apatia se depara com um novo profissional entusiasmado ele confronta a sua ação pedagógica.

A inserção em turmas complexas sem suporte técnico evidencia a falha na responsabilidade com o novo. Outro relato de caso nos permite observar que ao ser transferida para uma turma com uma aluna com suspeita de autismo e comportamentos agressivos, sem formação em técnicas de contenção ou manejo, uma professora em formação buscou auxílio

³⁴ Os relatos apresentados constituem narrativas de experiência construídas de forma reflexiva por uma das autoras, a partir de sua inserção no cotidiano escolar como professora auxiliar de Ensino Fundamental I e professora auxiliar da Educação Infantil. Tais registros baseiam-se na observação participante e na vivência direta dos fatos narrados, sendo selecionados pela sua relevância para a compreensão do fenômeno do mal-estar docente e da “morte” simbólica da profissão.



da direção. A resposta obtida foi de que "a vida de professora era assim mesmo" e que era necessário "se virar", isso revela o esvaziamento do suporte pedagógico. E aqui o livro "O valor de Educar" de Savater (1998) perde seu sentido prático, sendo anulado por uma gestão que ignora a humanização. Ao dizer que a auxiliar deve "aprender a se virar", a instituição nega o apoio e a mediação do novo com o experiente proposto por Arendt (2011). Em vez de acolher o novo profissional e capacitá-lo, o sistema o joga em uma "fogueira" institucional e espera que ele "apague os incêndios", resultando na frustração do novo profissional e iniciando o desejo de não mais fazer parte da área da educação e de se questionar sobre a escolha profissional.

O ápice da hostilidade organizacional manifesta-se ainda em outro caso, agora de assédio por parte de um aluno. Diante do trauma e da crise de ansiedade da auxiliar, a gestão escolar optou pela patologização da vítima em vez da intervenção pedagógica, afirmando que a professora em formação deveria "rever suas medicações" e que "isso ia acontecer sempre".

Esse cenário de invalidação do sofrimento ético transforma o "chão da escola" em um ambiente de adoecimento crônico. A orientação para "procurar o psiquiatra" transfere para o indivíduo uma responsabilidade que é da cultura organizacional. Conforme Dal'Igna (2023) discute, quando o "nós" da docência falha em proteger seus membros, o profissional se vê "separado de si mesmo". O silenciamento diante de um assédio, sob a justificativa de que o aluno "não entende", é a negação final da educação como ato de responsabilidade política e coragem ética.

Essa cultura de silenciamento e desamparo atua diretamente na desconstrução da identidade docente em formação. Ao invés de o ambiente escolar funcionar como o "espaço público" de Arendt (2011), onde a novidade é recebida como promessa de renovação do mundo, ele opera como uma estrutura rígida. Nesse contexto, o "aprender a ser professor" deixa de ser um processo de apropriação de saberes pedagógicos e passa a ser uma técnica de sobrevivência emocional, onde a resiliência é distorcida para justificar a aceitação de precariedades e abusos.

Com isso, é necessário reconhecer que tais episódios não são meros incidentes isolados, mas sintomas de uma crise institucional que afeta a saúde mental e a permanência de novos profissionais na carreira. A transição da motivação inicial para o desejo de abandono da área revela como a escola, ao falhar no acolhimento de seus auxiliares, compromete o seu próprio futuro. Sem uma rede de apoio que sustente o "chão da escola" como um lugar de dignidade ética, a educação corre o risco de se tornar uma engrenagem reprodutora de apatia,



afastando aqueles que, com seu entusiasmo e dedicação, teriam o potencial de renovar as práticas pedagógicas saturadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação proposta por este artigo permitiu compreender que a "morte" da docência, longe de ser um fenômeno biológico ou uma simples falta de vocação individual, constitui-se como um esvaziamento ético provocado por ambientes escolares inamistosos. Ao confrontar o referencial teórico com os relatos de experiência, ficou evidente que a entrada de novos profissionais no "chão da escola" é marcada por um choque violento entre o idealismo pedagógico, entende-se por idealismo pedagógico, neste estudo, a projeção de um ambiente de trabalho que ofereça condições dignas de escuta, suporte emocional e treinamento técnico, permitindo que o professor iniciante se desenvolva sem ser submetido a situações de hostilidade ou abandono pedagógico, e uma cultura organizacional que prioriza a manutenção da ordem em detrimento do acolhimento humano.

As análises fundamentadas em Bauman revelaram que o entusiasmo e a busca por inovação do docente iniciante são frequentemente lidos como "sujeira" institucional, algo que desestabiliza a zona de conforto de veteranos já imersos na apatia descrita por Dal'Igna. Os episódios de sarcasmo, o abandono técnico diante de turmas complexas e a patologização do sofrimento ético (como observado no relato sobre a crise de ansiedade após o assédio) demonstram que a escola tem falhado gravemente em sua missão de proteção do novo. Quando a gestão escolar orienta o iniciante a apenas "se virar", ela abdica da responsabilidade com o mundo proposta por Hannah Arendt (2011) e drena a coragem e a esperança defendidas por Fernando Savater (1998).

As discussões indicam que a cultura organizacional atua muitas vezes como um mecanismo de "limpeza", repelindo o novo e o diferente. Sendo assim, a superação desse cenário exige uma reestruturação das redes de apoio institucional, resgatando a educação como um compromisso ético e coletivo, e não como um fardo individual solitário.

Diante do exposto, conclui-se que a desistência precoce reside na denúncia de que este fenômeno na carreira docente é, na verdade, uma forma de autopreservação diante de um sistema que adoece seus membros. Conclui-se que não basta reformar currículos se as redes de poder e as interações interpessoais no ambiente escolar continuarem a operar sob a lógica da exclusão e do silenciamento.



Com isso, este trabalho não esgota a temática, mas abre caminhos para novas pesquisas que investiguem estratégias de acolhimento institucional e mentorias humanizadas. É urgente que a comunidade acadêmica e os gestores públicos discutam políticas de saúde mental e ética nas relações laborais docentes, para que o "valor de educar" não seja sufocado pelo automatismo e que o "chão da escola" volte a ser um espaço de vida, natalidade e transformação, e não o cenário de uma morte simbólica anunciada.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7. ed. 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAUMANN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL-UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Nós da docência**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: Edusc, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SAVATER, Fernando. **O Valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

